

Relatório do Deutsche alerta para a dívida interna

Brasil estaria ficando sem opções com o aumento causado pelos juros altos e a desvalorização

REGINA CARDEAL

O Deutsche Bank destaca em seu último relatório que o Brasil está ficando sem opções diante do rápido crescimento da dívida interna causado pela alta das taxas de juros, acelerada após a desvalorização do real. Segundo o banco, cresceram os riscos de hiperinflação ou de uma reestruturação da dívida. Embora considere cedo para prever se haverá reestruturação da dívida, o documento explora suas possíveis formas, ressaltando que os efeitos para o sistema bancário seriam "muito negativos".

O relatório, assinado pelos estrategistas Jane Heap, de Nova York, e Geoffrey Dennis, de Londres, foi divulgado para os clientes no dia 31, antes, portanto, das mudanças no

Banco Central, anunciadas na terça-feira. Em São Paulo, o economista-chefe Dalton Gardiman afirmou que uma reestruturação da dívida seria uma "não solução". "Sem corrigir os desequilíbrios fiscais, a reestruturação pela reestruturação não faz sentido", disse.

De acordo com o relatório dos estrategistas, ao contrário da Rússia, a maior parte do estoque da dívida no Brasil é doméstica – R\$ 330 bilhões, dos quais 25% dolarizados e 50% a 60% com juros variáveis – ante de US\$ 89 bilhões da dívida externa. O documento estima que cada ponto porcentual a mais no juro custa ao governo US\$ 2 bilhões adicionais em financiamento da dívida por ano. Os títulos federais domésticos somam cerca de R\$ 270 bilhões.

O vencimento, em média, da dívida é no curto prazo, sete meses, acrescenta o relatório. Os bancos detêm 45% da dívida doméstica federal diretamente e administram fundos de renda fixa que detêm outros 40%, de acordo com o documento divulgado

pelo Deutsche Bank.

O governo poderia potencialmente adiar a reestruturação, negociando diretamente com os bancos. Mas, se for forçado a manter os juros altos, será difícil para o governo evitar medidas mais dramáticas. Nesse caso, segundo o Deutsche, um plano semelhante ao argentino Bonex 89, seria o mais provável. Depois da experiência russa, o Deutsche Bank prevê que o nem o FMI nem o G-7, o grupo dos países mais ricos, permitiriam uma reestruturação da dívida externa.

Uma grande parcela dos ativos dos bancos, cerca de 40% do sistema, está na forma de títulos do Tesouro. Dessa forma, quase metade dos ativos bancários seria afetada, se o governo impusesse uma reestruturação.

Apenas para ilustrar, o documento supõe que o gover-

pública

no troque papéis de 30 dias, que atualmente pagam a taxa Selic de 37%, por papéis de dois anos que rendam 10%. Para não afundar, os bancos tentariam repassar os custos aos depositantes, prevêem os analistas.

Os depósitos representam aproximadamente 38% dos passivos, enquanto os depósitos interbancários, outros 14%. Os depósitos à vista, que representam parte significativa do M1, só seriam tocados em casos extremos, opina o banco. Os depósitos a prazo seriam os prováveis candidatos à reestruturação. Os depósitos interbancários seriam um alvo adicional. A soma de ambos, no entanto,

não seria suficiente para a reestruturação da dívida federal, de acordo com o banco, que não descarta a possibilidade de uma poupança e os depósitos à vista também seriam atingidos. (Agência Estado)

ESTUDO FOI
FEITO ANTES
DA TROCA DE
CHEFIA NO BC